

O CÂNTICO DOS CÂNTICOS, RECURSO PARA A MULHER DIZER AMOR EM SOLO PURITANO*

Maria Leonor Telles
UNIVERSIDADE DE LISBOA

As breves notas que se seguem foram sugeridas pela poesia de uma autora incluída entre os muitos escritores ilustres que atestam a grande actividade intelectual desenvolvida no século XVII nas colónias da Nova Inglaterra, Anne Bradstreet (cc1612-1672), cujo nome Sacvan Bercovitch invocou, há algumas décadas, para comprovar a afirmação de que, na teocracia puritana, era literalmente aceite a perspectiva paulina, expressa na carta aos cristãos da Galácia (3,28): "não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher".¹

De facto, a notoriedade que a escritora alcançou entre os seus contemporâneos poderia ser interpretada como um testemunho abonatório da ausência de discriminação entre homens e mulheres vigente na Nova Inglaterra, se não se tratasse de um caso excepcional. Em regra, no entanto, o estatuto de igualdade proclamado na Epístola aos Gálatas só perante Deus era plenamente reconhecido, porque, face a qualquer outra instância, a situação da mulher em território americano não era diferente daquela que de acordo com a mentalidade europeia coeva lhe competia. Aliás, no caso específico das colónias puritanas, a tentativa de organizar a vida política e social em conformidade com a vontade divina, revelada na Escritura, não se processou segundo orientações colhidas no Novo Testamento, pautando-se sobretudo pelo recurso à Lei contida no *Pentateuco*, os cinco primeiros livros da Bíblia, cuja autoria a tradição reportava a Moisés.

¹ Um agradecimento prévio é devido à colaboração da Mestre Marília Resende, que contribuiu para este trabalho facilitando o acesso ao texto do *Cântico dos Cânticos* na versão utilizada pelos puritanos (*Geneva Bible*).

¹ Esta afirmação foi feita durante um encontro com docentes de Literatura e Cultura Norte-Americana na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É curioso verificar-se que, na obra de Bercovitch, fundamental para qualquer americanista, *The American Jeremiad*, o nome de Bradstreet figura numa única nota de rodapé, o mesmo acontecendo com o de Anne Hutchinson, e não havendo qualquer referência a Mary Rowlandson, que completa a triade das mulheres puritanas célebres.

Ora a imagem vetero-testamentária da mulher não é nada dignificante: mesmo abstraindo de Eva, que esteve na origem de todas as desventuras da humanidade, os exemplos desfavoráveis são múltiplos. Nem as virtuosas esposas dos Patriarcas procedem sempre bem: Sara caçoa dos mensageiros celestes e, mais tarde, assume uma atitude vingativa e desapiedada para com Agar e Ismael; Rebeca conspira com o filho mais novo, Jacó, para enganar o marido moribundo e privar Esaú do direito de primogenitura. Na época dos Juízes, o exemplo acabado de perfídia é Dalila; no tempo da monarquia, tanto David como Salomão sofrem graves dissabores por influência feminina, o primeiro induzido a pecar pelos encantos de Betsabé, o segundo desviado do culto do verdadeiro Deus pelas mulheres pagãs que desposara na velhice. E, para abreviar uma enumeração interminável, basta citar um nome que se tornou epíteto pejorativo: Jezabel.

Enfim, se toda uma tradição bíblica apontava para a vantagem de reduzir ao mínimo a influência feminina, seria de esperar que, mesmo em relação ao Novo Testamento, os puritanos preferissem atentar sobretudo em passos de outras cartas de Paulo que não o já citado, por exemplo aquele em que ele exorta os coríntios a remeter as mulheres para o silêncio nas assembleias cristãs (I Cor.14,34).

Uma vez que era possível encontrar na Sagrada Escritura apoio para as razões sociológicas que mantinham a mulher numa posição ancilar, não admira que até o próprio amor se tornasse objecto de alguma desconfiança e, sendo Calvino discípulo de Santo Agostinho, os seus seguidores seiscentistas apenas contemplassem "a beleza conjugal que há nos deveres do matrimónio e na educação dos filhos", contraposta ao "hábito de saciar a insaciável concupiscência", como faz o autor das *Confissões* (L^o VI, 12). Na opinião de Larzer Ziff esta problemática inscreve-se, aliás, num contexto ainda mais amplo, como reflexo de um desvio teológico, no qual, diga-se de passagem, incorrem também católicos empenhados na Contra-Reforma legalista e inquisitorial: a incapacidade de amar no próximo que viam o Deus que esperavam ver na eternidade:

"New Englanders were bred to distrust of love of their fellow man or of the opposite sex unless it served higher ends, and the result, to be noted in one diary after another, is anguished battle with desire. [...] Contrition, humility, and repentance, love, pride and longing are terms as prominent in the Puritan vocabulary as in that of any other group of English-speakers. But in Puritan usage they are rarely applied to relations between men; they form, rather, the diction of man's communication with God. He faced his fellow men in the vocabulary of callings, duties, privileges and respects."²

² Cf. Larzer Ziff, *Puritanism in America - New Culture in a New World*, New York (The Viking Press), 1973, 120s.

No caso da relação entre marido e mulher, é evidente que ao homem cabia o dever de proteger a esposa, defendendo-a de todos os perigos que esta, por pertencer ao "sexo fraco", não saberia evitar; ela, por sua vez, devia obedecer e conformar-se à vocação doméstica, já que Deus a criara essencialmente para ser mãe.

É esta a opinião atestada nos textos de autores puritanos, embora com diferentes matizes, correspondentes a um maior ou menor grau de tolerância quanto aos limites impostos à condição feminina. Para comprová-lo, basta recorrer a dois exemplos contrastantes, no primeiro dos quais, se não fora a ênfase reiterada na fraqueza da mulher e a transferência da responsabilidade da iniciativa feminina para Deus, se poderia ver uma certa inversão dos papéis convencionais.

Em *News from America, or, a new and experimental discovery of New England*, publicado em 1638, John Underhill (cc.1597-1672), companheiro de armas do célebre John Endicott, escreve o seguinte:

"Myself received an arrow through my coat sleeve, a second against my helmet on the forehead; so as if God in his providence had not moved the heart of my wife to persuade me to carry it along with me (which I was unwilling to do), I had been slain.

Give me leave to observe two things from hence. First, when the hour of death is not yet come, you see God useth weak means to keep his purpose unviolated. Secondly, let no man despise advice and counsel of his wife, though she be a woman. It were strange to nature to think a man should be bound to fulfil the humor of a woman, as to what arms he should carry; but you see God will have it so, that a woman should overcome a man. What with Delilah's flattery and with her mournful tears, they must and will have their desire, when the hand of God goes along in the matter; and this is to accomplish his own will. Therefore let the clamor be quenched I daily hear in my ears, that New Englanders usurp over their wives, and keep them in servile subjection. The country is wronged in this matter, as in many things else. Let this precedent satisfy the doubtful, for that comes from the example of a rude soldier. If they be so courteous to their wives as to take their advice in warlike matters, how much more kind is the tender, affectionate husband to honor his wife as the weaker vessel? Yet mistake not. I say not that they are bound to call their wives in council, though they are bound to take their private advice (so far as they see it make for their advantage and their good); instance Abraham."³

³ Cf. Richard M. Dorson (ed.), *America Begins - Early American Writings*, New York (Fawcett), 1966, 390s.

Bem mais típica é a perspectiva do Governador John Winthrop (1588-1649) que, num passo conhecido do seu *Journal*, referente a 13 de Abril de 1645, censura vivamente a excessiva complacência do marido que permite à mulher a tentativa de explorar terrenos onde só um homem pode e deve penetrar:

"Mr. Hopkins, the governor of Hartford upon Connecticut, came to Boston, and brought his wife with him (a godly young woman, and of special parts), who was fallen into a sad infirmity, the loss of her understanding and reason, which had been growing upon her divers years, by occasion of her giving herself wholly to reading and writing, and had written many books. Her husband, being very loving and tender to her, was loath to grieve her; but he saw his error, when it was too late. For if she had attended her household affairs, and such things as belong to women, and not gone out of her way and calling to meddle in such things as are proper for men, whose minds are stronger, etc., she had kept her wits, and might have improved them usefully and honorably in the place God had set her."⁴

Se o pensamento de John Winthrop tivesse prevalecido, na Nova Inglaterra a escrita feminina teria ficado condenada à inexistência; no entanto isso de facto não aconteceu, sobretudo graças à capacidade que o chamado sexo fraco sempre revelou de contornar obstáculos aparentemente intransponíveis.

Para a mulher falar de si, uma das estratégias eficazes utilizadas, sem dúvida a mais canónica, é a que se encontra na obra em prosa de Mary Rowlandson (cc.1635-1678), cujo título é, desde logo, elucidativo: *The Sovereignty and Goodness of God, together with the Faithfulness of his Promises Displayed; Being a Narrative of the Captivity and Restoration of Mrs. Mary Rowlandson*. O relato longo - e algo enfadonho, diga-se de passagem - das vicissitudes do cativo da autora, até à recuperação da liberdade, não vale por si, mas pelo significado transcendente que assume como comprovativo da intervenção providencial de Deus em favor dos eleitos.

De sentimentos pessoais a narrativa de Mary Rowlandson revela apenas, em formulação sóbria e quase chocantemente convencional, o medo e a mágoa provocados pela separação, a dor causada pela morte da filha, tudo envolvido nas considerações mais piedosas e de um estoicismo moralizante, de que estão ausentes até as perguntas legitimadas pela Escritura, sejam as de Job, seja o "Até quando?" do Salmo 13 ou o "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?" do Salmo 22, que o próprio Jesus repetirá. Acerca do amor humano nada é dito, embora, em contrapartida, se fale de castidade:

⁴ Cf. Perry Miller (ed.), *The American Puritans - Their Prose and Poetry*, New York (Doubleday), 1956, 445.

"I have been in the midst of those roaring Lyons, and Salvage Bears, that feared neither God, nor Man, nor the Devil, by night and day, alone and in company: sleeping all sorts together, and yet not one of them ever offered me the least abuse of unchastity to me, in word or action."⁵

É evidente que o modo de expressão feminina representado pela prosa de Mary Rowlandson sobrevive, assim, esgotando-se nos limites impostos pela mentalidade dominante. O mesmo não acontece, porém, na poesia de Anne Bradstreet, que, por um processo subtil, consegue subtrair a sua escrita à estreiteza dos padrões estabelecidos, com algumas implicações de subversão susceptíveis de extrapolar da circunstância do tempo e do lugar, como adiante se verá. Sem pretender sobrevalorizar a qualidade estética e a originalidade do contributo da autora para a literatura do seu tempo, parece extremamente correcta a opinião crítica de Emily Stipes Watts, que, em *The Poetry of American Women*, aponta, entre outros, os seguintes aspectos relevantes:

"Historically, Bradstreet's poetry is remarkable for its revelation of a woman's mind and interests, as well as for her celebration of women. [...]

Her love poems to her husband are bold departures from standard Puritan poetry."⁶

O que é curioso verificar é que este desvio em relação à literatura da Nova Inglaterra se efectua a despeito e a partir de uma utilização da fonte primordial a que recorre a maioria dos autores puritanos: a Bíblia e, em particular, o Antigo Testamento. Simplesmente, em vez de privilegiar textos que, como os do *Pentateuco*, apresentam a revelação do projecto de Deus para o homem em termos de Lei, ou, se se preferir, contrato de aliança (é esse o sentido de "covenant", palavra-chave em contexto puritano), que implica, por parte do outorgante divino, um compromisso de protecção ao povo eleito e, por parte do outorgante humano colectivo que este último constitui, o rigoroso cumprimento dos preceitos impostos pelo primeiro, Anne Bradstreet vai inspirar-se num outro núcleo da literatura vetero-testamentária, os *Livros Sapienciais*, em que a experiência e sabedoria humanas se manifestam e interpretam Deus e os Seus desígnios.

⁵ Cf. Roy Harvey Pearce (ed.), *Colonial American Writing*, New York, etc. (Holt, Rinehart and Winston), 1969, 172 (manteve-se a grafia do original, adoptada pelo editor).

⁶ Cf. Emily Stipes Watts, *The Poetry of American Women to 1945*, Austin and London (University of Texas Press), 1977, p.10. No primeiro capítulo da obra, intitulado "1632-1758 - Anne Dudley Bradstreet and the other Puritan Poets", a análise da poesia de Bradstreet ocupa as páginas 9-20.

Estes textos, cuja origem foi tradicionalmente reportada a personagens bíblicas do passado remoto, para lhes conferir maior dignidade – *Job* foi atribuído a Moisés,⁷ o *Eclesiastes* e o *Cântico dos Cânticos* a Salomão –, revelam, dada a sua composição mais recente, uma mentalidade bem diversa da que no *Pentateuco* se reflecte, sobrepondo à ênfase particular na história colectiva de um único povo o universalismo da preocupação humanista com o destino individual.⁸

Na poesia de Anne Bradstreet a influência da leitura dos *Livros Sapienciais* é evidente: em "The Vanity of all Wordly Things"⁹, a primeira metade do texto é uma paráfrase literal do *Eclesiastes*; noutro poema, menos elaborado e de conteúdo vivencial mais imediato, "Some verses upon the burning of our house, July 10th, 1666 - copied out of a loose paper",¹⁰ a resignação perante a perda é expressa nos termos recorrentes no prólogo de *Job* ("I blest his name, that gave and took"), e o último verso retoma o mesmo motivo da " vaidade das vaidades" de Coélet ("Adieu, adieu; all's vanity"). Finalmente, no *Cântico dos Cânticos* colhe a autora as imagens que utiliza para falar do seu amor pelo marido.

O exemplo mais significativo deste aproveitamento de um texto "sagrado" para a celebração de um sentimento "profano" é o poema que figura em todas as antologias:

"To my Dear and Loving Husband

If ever two were one, then surely we.
 If ever man were lov'd by wife, then thee;
 If ever wife was happy in a man,
 Compare with me ye women if you can.
 I prize thy love more than whole Mines of gold,
 Or all the riches that the East doth hold.
 My love is such that Rivers cannot quench,

⁷ A história de *Job* situa-se, contextualmente, na época patriarcal; daí a sua atribuição a Moisés, suposto cronista dos eventos desse tempo relatados no *Pentateuco*.

⁸ A Introdução aos *Livros Sapienciais* da *Bíblia de Jerusalém* sublinha este aspecto: "Os sábios de Israel não se preocupam com a história ou com o futuro do seu povo; eles pesquisam o destino dos indivíduos, como os seus colegas orientais. Mas o consideram sob uma luz mais alta, a da religião javista. (...) Se a sabedoria oriental é um humanismo, poder-se-ia dizer que a sabedoria israelita é um 'humanismo devoto'". (Tradução em português das Edições Paulinas, São Paulo, Brasil, 875)

⁹ Cf. Harrison T. Meserole (ed.), *Seventeenth-Century American Poetry*, New York University Press, 1968, 305.

¹⁰ *Id.*, *ibid.*, 355.

Nor ought but love from thee, give recompence.
 Thy love is such I can no way repay,
 The heavens reward thee manifold I pray.
 Then while we live, in love let's so persever,
 That when we live no more, we may live ever."¹¹

Ao contrário do que acontece em "The Vanity of all Wordly Things", não se trata de uma paráfrase extensa e literal do texto bíblico, até porque este está impregnado de sugestões eróticas que não seriam admissíveis em ambiente puritano. Contudo, Anne Bradstreet identifica-se implicitamente com a figura feminina do *Cântico dos Cânticos*, na medida em que, tal como esta se dirige às "filhas de Jerusalém", também ela apostrofa as outras mulheres: "Compare with me ye women if you can", e descreve o amor conjugal entre ela e o marido inspirando-se na definição geral do amor que é dada nestes termos:

"Loue is strong as death: iealousie is cruel as the graue: the coles thereof are fierie coles, and a vehement flame. Much water can not quench loue, neither can the floods drowne it: If a man should giue all the substance of his house for loue, they would greatly contemne it."¹²

Assim, recorrendo à Sagrada Escritura como suporte de legitimação para o seu discurso sobre o amor humano, Anne Bradstreet subverte habilmente os valores aceites pela sociedade em que se integra, ao ponto de encarar a constância na vivência desse amor como meio de alcançar a vida eterna. E essa subversão é significativa, sobretudo, porque não se confina ao contexto contemporâneo da autora, projectando-se tanto no passado como no futuro.

Por um lado, pode dizer-se que o aproveitamento do *Cântico dos Cânticos* para celebrar a união matrimonial de dois mortais o restitui ao domínio da poesia erótica, a que a tradição multissecular o havia subtraído: mediante uma interpretação alegórica, as comunidades judaicas encaravam, tanto o original hebraico como a versão aramaica refundida que era lida como Escritura para a festa da Páscoa, em termos de alegoria das relações entre Iahweh e o povo de Israel; e os cristãos adoptaram a mesma perspectiva, embora o amado passasse a ser Cristo e a amada a sua Igreja, ou a relação entre ambos fosse identificada com a união mística da alma com Deus.

¹¹ *Id.*, *ibid.*, 32.

¹² Os versículos acima transcritos (6 e 7 do Capítulo 8) seguem literalmente a tradução inglesa da Bíblia feita a partir da versão adoptada por Calvino e por isso denominada *Geneva Bible*. Era este o texto usado pelos puritanos, que não aceitavam a Bíblia oficial da Igreja Anglicana (*Authorized King James Version*).

Bastará transcrever o início da apresentação do texto na "Bíblia de Genebra" para se avaliar a ruptura assinalada no poema de Anne Bradstreet:

"AN EXCELLENT SONG WHICH WAS SALOMONS.

THE ARGUMENT.

In this Song, Salomon by most sweete and comfortable allegories and parables describeth the perfite loue of Iesus Christ, the true Salomon and King of peace, and the faithfull soule or his Church, which he hath sanctified and appointed to be his spouse, holy, chaste and without reprehension."

Mas, por outro lado, a leitura transgressiva do *Cântico dos Cânticos* não implica apenas uma reinterpretação contraditória da corrente tradicional. Também abre caminho para a poesia amorosa feminina posterior, mais arrojada, mesmo que ainda recorra à fonte bíblica em que Anne Bradstreet se inspira, como é o caso da paráfrase de parte do Capítulo 5 do *Cântico dos Cânticos* da autoria de Jane Colman Turell (1708-1735), onde a descrição do amado se centra no seu aspecto físico, em versos como estes:

"His sparkling Eyes in splendent Lustre vie,
With the Twin Stars that grace the azure Sky.
His cheeks excel the fragrant blushing Rose
Which in the fruitful vale of *Sharon* grows.
His lips like *Lillies* in their flowry Bloom
Yield a sweet Odour and a rich Perfume.
His Ivory Arms more charming to behold
Than orient Pearls, incas'd in shining Gold.
His well turn'd Legs like stately Pillars stand
Of Marble polish'd by a curious Hand."¹³

Em conclusão só resta acrescentar que, uma vez estabelecida, a partir de Anne Bradstreet, uma tradição poética, até certo ponto radicada no *Cântico dos Cânticos*, as vozes femininas puderam continuar a celebrar o amor no contexto norte-americano, sem precisar já de recorrer a empréstimos para justificar a sua legitimidade.

¹³ Cf. Emily Stipes Watts, *op. cit.*, 32s.